



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

DO BANAL AO AFETIVO, OS *TOKUSATSUS* NA TELEVISÃO BRASILEIRA: NARRATIVAS INTROSPECTIVAS E NOSTÁLGICAS NAS MEMÓRIAS COMPARTILHADAS EM CIBERESPAÇOS

Cláudio de Sá Machado Júnior*

1

O trabalho que venho a apresentar neste simpósio caracteriza-se como um universo ainda a ser explorado pelos historiadores brasileiros. Na academia, a realização de estudos sobre a televisão tem sido uma preocupação praticamente exclusiva dos pesquisadores da área da comunicação, sendo consideravelmente poucos os profissionais da História que se dedicaram a esta tipologia de fonte. Estou fazendo considerações iniciais pensando na televisão enquanto objeto de estudo, levando em conta suas múltiplas possibilidades de abordagem em um universo amplo e polissêmico de signos comunicativos e representações sociais. Gostaria estabelecer algumas relações entre um dos produtos deste objeto de análise, que à primeira vista pode despertar a desconfiança de pesquisadores mais céticos. Trata-se de uma tentativa de pensar a televisão, não do ponto de vista de sua materialidade propriamente dita, mas pensá-la como uma instituição produtora de signos de linguagem significativamente presentes

* Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS. Bolsista do Programa de Pós-Doutorado Institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, PNPDI/CAPES, junto ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural na Universidade Federal de Pelotas, UFPel.

nas experiências concernentes à esfera da vida privada. Para isso, utilizar-me-ei dos chamados *tokusatus*, ou seja, seriados de efeitos especiais produzidos por empresas japonesas voltadas para o entretenimento audiovisual, pensando-os tanto na forma de sua transmissão quanto no consumo, considerando suas temporalidades e mídias distintas. Em resumo, apresento uma pergunta instigante, se não, no mínimo curiosa: o que seriados japoneses como *Spectreman*, *Jaspion* e *Comando Estelar Flashman*, e demais produções congêneres, têm a ver com a História Cultural?

Seriados que fizeram considerável sucesso entre o público infantil e juvenil, especialmente no Brasil das décadas de 1970, 1980 e 1990, os *tokusatus* foram produtos de consumo da indústria televisiva que ocuparam, além do tempo diário, a imaginação de um segmento expectador muito interessado em suas tramas premeditadas e nos efeitos especiais toscos de lutas travadas entre monstros e super-heróis com seus respectivos robôs. Cada episódio tinha em média 20 minutos de duração. Se lhe sou familiar alguns destes nomes mencionados anteriormente, considere-se também um telespectador que, de certa forma, consumiu este produto audiovisual. Em uma pesquisa rotineira realizada nos conteúdos da rede mundial de computadores, em especial no canal *YouTube*, surpreendeu-me a seguinte constatação: alguns vídeos com a abertura editada destes seriados, ou mesmo capítulos de séries inteiras, reproduzindo o contexto de transmissão no suporte televisivo, chegam a mais de cem 100 mil acessos. E o que é mais interessante: a grande maioria possui uma quantidade grande de comentários de internautas – ou antigos telespectadores – que apresentam narrativas sobre memórias de suas infâncias incentivadas a partir do vídeo publicado. Ou seja, expressam emoções e sensibilidades provocadas pelo conteúdo televisivo. E, em pleno acordo com a proposta deste Simpósio de História Cultural, viram, sentiram e narraram.

François Jost (2007), no livro *Compreender a televisão*, menciona esta tendência contemporânea que vem implicando na necessidade de readaptação das empresas emissoras frente às novas possibilidades midiáticas, especialmente as interativas. Estas não fazem mais com que o expectador se prenda a uma grade específica de conteúdos para que possa assistir ao programa que lhe interessa, sempre intercalado por uma grande quantidade de conteúdo publicitário. A rede mundial de computadores ampliou aquilo que, em geral, o videocassete e o aparelho de reprodução

de mídias DVD faziam: dar ao telespectador a possibilidade de selecionar um conteúdo específico sem estar preso à burocracia das programações. Obviamente, as gerações que antecederam este momento passaram muito mais tempo à frente da televisão dos que as gerações atuais. Isso nos faz pensar que o consumo do conteúdo televisivo também possui uma historicidade e deve ser compreendido, na medida do possível, no seu contexto de época ou nas reutilizações feitas pela sociedade contemporânea.

Aquilo que poderia se caracterizar como uma memória sobre os filmes *tokusatus* se apresentou como uma experiência particular. Ou seja, mais do que a lembrança sobre os conteúdos audiovisuais propriamente ditos, verificou-se que estes serviram como dispositivos da memória, fazendo com que o sujeito, na condição de internauta, se sensibilizasse em relação a vivências que ocorreram à época em que ele assistiu aos seriados japoneses. Acredito que seja uma interessante correlação para se pensar conceitos aplicados a culturas híbridas, especialmente urbanas. Nestas circunstâncias que as memórias sociais atestadas pelos comentários transitam do banal ao afetivo, tornando o conteúdo televisivo, marcadamente grotesco, em algo afetivo, geralmente apresentado em tom nostálgico, recriando ou reforçando no imaginário social uma ideia de infância supervalorizada e por vezes quase surreal. As narrativas falam em emoção, quando na verdade o que se via não eram imagens emotivas. Era como se os olhos vissem uma coisa e a memória projetasse outra.

Para Michael Pollak (1992), no texto *Memória e identidade social*, são justamente os acontecimentos vividos pessoalmente que se caracterizam aportes mais importantes para a constituição de uma memória social. No caso dos telespectadores de *tokusatus*, viram-se nas narrativas postadas lembranças de experiências individuais que se tornam coletivizadas no momento em que o dispositivo da memória foi algo comum a todos. Associar os filmes à infância e compartilhar esta experiência em público, mesmo que virtualmente, fez com que aquele que não teve a vivência do outro, mas sim a sua própria, se sensibilize e, de certa forma, se solidarizasse com as demais postagens, caracterizando o conjunto das narrativas como se fosse um sentimento comum a todos. E de fato, a televisão caracterizada como um produto de alcance de massas reflete bem esse tipo de comportamento. Mesmo que todos não recebam da mesma forma o seu conteúdo, de acordo com ponto de vista das teorias da recepção, e aqui lembro Lorenzo

Vilches (1997) e a variável capacidade enciclopédica de cada pessoa, a mensagem enquanto enunciado temporal se constitui a mesma.

As memórias narradas a partir dos *tokusatus* nos ciberespaços podem revelar também particularidades do consumo de tecnologias no Brasil, visto que alguns internautas fizeram menção aos aparelhos televisores que dispunham na época. Além disso, muitos relacionaram o seriado a uma série de outros produtos de consumo, especialmente alimentares. Vale lembrar que a televisão foi responsável pela potencialização da publicidade e que, desta forma, ampliou o alcance de muitos produtos agregando valores culturais representativos de uma experiência social que ia, e continua sendo, algo que está muito além do consumo: mais de que produtos, vendem-se estilos de vida. Cabe a nós, historiadores da cultura, verificarmos os efeitos dessas transformações industriais nas práticas sociais, e especialmente verificar a partir dos avanços tecnológicos dos meios de comunicação as influências na constituição de imaginários sociais, assim como o de criação de suas respectivas representações. Assim, não se trata somente de perceber a televisão a partir de uma análise semiótica dos seus conteúdos, mas, como lembra François Jost, compreendê-los em sua pragmática.

Especificamente sobre imaginário, é interessante verificar como o dispositivo da memória dos internautas que acessaram os conteúdos *tokusatus* remetem a um imaginário de extrema felicidade, se não exagerada, em relação a suas experiências pessoais de infância. Claro que a empresa que recebe esses vídeos não fornece muitas informações sobre as pessoas que estão postando esses comentários. Assim, do ponto de vista sociológico, não temos um perfil definido de quem são esses internautas, antigos telespectadores de séries japonesas. No entanto, mesmo que considerando as estatísticas sobre o perfil do brasileiro que acessa a internet na contemporaneidade, podemos ter uma amostra que levaria a conclusões equivocadas, pois não saberíamos a representação deste percentual em relação ao todo. Mas retomando a ideia de felicidade, percebeu-se uma ocorrência significativa da expressão popular “era feliz e não sabia”. Certamente, isso rende bons frutos para a perspectiva antropológica e da psicologia social, associando não somente o sentimento de felicidade ao passado, mas à infância, sem reconhecer a felicidade na infância contemporânea, repetindo chavões como “essa geração não sabe o que é ser feliz”.

A sensação de rejuvenescimento também é uma constatação interessante que apresenta uma nova função dos seriados: o poder de remeter o indivíduo ao passado. Falar da juventude, segundo Eclea Bosi (2003, p. 44), no livro *O tempo vivo da memória: ensaio s sobre psicologia social*, faz com que o indivíduo psiquicamente e, inclusive, somaticamente, tenha a sensação de ter retornado à infância. Daí o fato de que muitos internautas manifestaram a sensação de “se sentir criança de novo”, mesmo que já se tivessem passados duas ou três décadas dessa fase da vida. Como lembra Eclea Bosi, é como se o corpo memorativo recebesse um tônico, uma força inesperada. Nesta direção, é provocativa a afirmação feita pelo historiador Robert Rosenstone (2010), no livro *A história nos filmes, os filmes na história*, pondo em dúvida o poder de narração de um texto histórico comparado a um filme, e aqui podemos incluir a mídia televisiva, tanto na transmissão convencional quanto inserida na cibercultura. Para o autor, as mídias audiovisuais possuem um apelo comunicativo muitas vezes mais eficaz do que aquele pretendido pelo historiador, geralmente indissociável da narrativa escrita.

Há certa nostalgia presente também nas memórias sobre as empresas de televisão transmissoras dos seriados. *Spectreman*, série criada no início dos anos 1970, obteve grande audiência tanto na Rede Record quando na antiga TVS, que posteriormente se tornou no Sistema Brasileiro de Televisão, o SBT. Mas foi a extinta TV Manchete a responsável pela transmissão de uma boa parte destes seriados em meados dos anos 1980 para 1990. Assim, as séries *Jaspion* e *Comando Estelar Flashman* e, por exemplo, ampliaram a audiência da TV Manchete no período supracitado, nos horários de transmissão que ora ocorriam no turno da manhã, ora no turno da tarde, tendendo ao vespertino. A nostalgia que se percebe em relação à emissora é de que ela teria prestado um grande serviço à população, tornando mais feliz a infância das pessoas. Ora, o senso comum que a memória vai criando em relação às empresas transmissoras caracteriza-se como mais que um convite ao historiador: uma provocação. A autonomia da memória social, construída pelos fragmentos da memória individual, revela-se como um atrativo quebra-cabeça a ser montado e desmontado pelo historiador da cultura. Ao que parece, um conflito entre hierarquias de valores será inevitável.

Outro ponto interessante diz respeito à metodologia utilizada para a análise dos comentários. A história oral trabalha com a ideia de depoimentos, mas este tipo de fonte indica outras necessidades. Não é história oral porque é escrito, mas pelo fato de ser escrito em linguagem informal não deixa de ter características próximas de um depoimento. Por sua vez, não é um depoimento, mas sim um comentário, que apesar disso se aproxima e muito de um curto depoimento. Há também a possibilidade metodológica de pensá-la como fonte epistolar, mas as características e o gênero são completamente diferentes, e acredito que esta tendência resultaria em uma investida sem muito sucesso. Poder-se-ia considerar estes documentários uma tipologia de nova de fontes históricas? Leva-se em conta, certamente, que o próprio conceito de fonte histórica tem sua historicidade, visto que muitos poderiam não considerá-la como tal. Novamente, a Antropologia e os Estudos Linguísticos lançaram-se à frente da História.

A seguir, apresentarei alguns destes comentários disponibilizados sobre os *tokusatus* para que se tenha uma ideia de sua composição. Sobre o lugar, eles estão situados abaixo do espaço destinado aos vídeos na página do *YouTube*. Eles estão datados em ordem cronológica do mais recente ao mais antigo. O tempo das publicações varia de acordo com o tempo da postagem do vídeo. Assim, publicações realizadas três anos atrás incluem comentários desde o mesmo período. Não há uma frequência e uma regularidade no período dos comentários. É um espaço para manifestações espontâneas, podendo o vídeo ter mais acessos em alguns períodos do que em outros. Talvez a própria empresa que acondiciona o servidor possa fornecer estas estatísticas, se solicitado. Há uma informalidade intensa presente na maioria dos comentários e há despreocupações visíveis com a escrita correta do português. As pessoas são identificadas por *nicknames*, ou seja, elas assumem na rede mundial de computadores outra identidade, diferente daquela com a qual elas se apresentam formalmente em sociedade. Apresentarei comentários coletados em três vídeos de abertura dos seriados *Spectreman*, que remete às experiências das gerações da década de 1970 e início dos anos 1980, e *Jaspion* e *Comando Estelar Flashman*, que remete às memórias das experiências das décadas do final de 1980 e início de 1990. Ressalto que foram mantidos os formatos de escrita tal qual estão na rede, sem correções.

Comentários selecionados do *tokusatsu Spectreman*.

meu deusssss
voltei a ter 7 anos de idadeeeeeee
quase chorei hahahahaha
obrigado
(brunoneverland)

Eu assistia isso numa tv preto e branco á valvulas, tv á cores era luxo nessa época ,não perdia um capítulo ,assistia quando eu tinha 5 anos de idade (alexandro7786)

Porra eu adoro isso!
Realmente a infância é a melhor época das nossas vidas... tudo é mágico!
E pensar que tem crianças que não tem infância...
E pensar que hoje só tem desenhos porcarias... (debugator)

Caramba!!! Eu corria como um desesperado da escola pra casa só pra não perder a abertura. Podia ser de má qualidade, ter o nome em inglês e tudo, mas peraf: ERA O ESPECTREMAN!!!! E hoje com saudades e com orgulho e graças ao You Tube, posso mostrar ao meu filho. (deni371)

Spectreman o maior herói de nossas infâncias. Essa abertura faz derramar lágrimas dos meus olhos um trintão chorando feito guri!
(F5skyhawk)

POXA EU ASSISTIA SENTADA EM UMA POLTRONA DE BALANÇO!! TINHA VEZES UQE CAIA DE TAO EUFORICA SAUDADE TPO UQE SO VOLTA AORA UQE BOM!! DEPOIS NUNCA MAIS OUVI ESSA MUSICA SO GORA1 NOSSA !!!=]
(crissimorena)

sensacionallllll eu tambem os olhso ficaram com lagrimas agora kkkk mas como éra mal feito né , mas isso éra o que tinhamos e vivemos uma decada maravilhosa agora como todos recursoso so tem procaria que coisa né (agentemotta)

Comentários selecionados do *tokusatsu Jaspion*.

ptzzz lenbro q em casa tinha uma tv em preto e branco e cheguei assistir tdos os episodios do jaspion tempos boms q nao volta +
(79flavios)

Era maravilhoso esta época,estudava de manhã e nas tardes sempre assistia o Jaspion,Changeman,Jiraya etc....na Rede Manchete,bons tempos aqls era muito empolgante esperar os próximos episódios p/ver oq ia acontecer!!!! (joey251000)

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAHHHHHHHHHHHH-HHHH eu era felizzzz sem saber!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! vida boa,tempos boms que se perderam ,JASPION! corria pra frente da TV saia correndo da rua nos tempos boms de calor onde a mulekada zuava e curtia uma vida de paz,e de amizade,manchete fez minha infancia =) (RicardoPeixoto)

Saudades desse tempo ...
as tardes eram felizes... (ADAMTOB365)

Essa me fez relembrar as vezes que eu chegava da escola desesperada para ver Jaspion rrsrs, como eu gostava dessa série, nem me importava com os repetecos
Muito bom
Obrigada por compartilhar (daniarte03)

Comentários selecionados do tokusatsu Comando Estelar Flashman.

s como eu queria que minha sfilhas pudeces partilhar desta infancia maravilhosa e inocente hoje ela chega da escola pra REBELDES AFF... (TheDanygaby)

dhaiudhuae eu via isso às 6 da manhã na globo.. mas hoje eu tenho senso crítico: AS CRIANÇAS FORAM "RAPTADAS" PRA SE TRANSFORMAREM EM SUPER-HEROIS????!?!?!?!?!?!?!?!-!?!?! QUE HISTORIA ESCROTA!! :d KKK (LeoShadow2)

encontrar os vídeos Tokutsatus aqui no YT (aberturas, encerramentos, temas) me inspirou a dar uma passada no bairro onde vivi no final dos anos 80 (foi lá q comecei a assistir essas séries...não passava por esse bairro há mtos anos.....novamente andei pela rua onde brincava e andava de bike qdo era criança.....hj a rua está asfaltada e td lá tá mto diferente.....a casa onde vivi nos anos 80 nem existe mais e me parece q há somente um lote vazio, se realmente eu vi o local exato.....saudades! (zahi550)

Essa música *-*
Saudosa TV Manchete... Deixou saudades (Leviathan765)

Cara devia ter algum Otaku/japa na manchete não é possivel era mto foda Tv manchete nesse tempo. (Velasper)

Emocionante. Minhas tardes na infância! Nunca voltarão! :-(
(abhisantos)

era maravilhoso, tem 24 anos e se passa de nova na tv não teria vergonha de rever , bons tempos. assistia em uma tv de 12 polegadas,em prtto e branco. (kelinesousa1)

A função dos seriados *tokusatus* como dispositivos da memória, especialmente remetendo-se às lembranças de infância, fica latente pela leitura dos

comentários. Neste sentido, gostaria de finalizar esta comunicação tentando responder a pergunta feita no início, e que tencionou também ser uma provocação a todos: o que *Spectreman*, *Jaspion* e *Comando Estelar Flashman*, e demais produções congêneres, têm a ver com a História Cultural? Antes de tudo, mencionado uma afirmação que considero muito significativa, feita por Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses (2003) no artigo *Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares*, pode-se afirmar que não se estudam os produtos culturais, indiferente a suas hierarquias de valor, apenas para melhor conhecê-los. Os produtos culturais são estudados para que se tenha, a partir deles, um conhecimento maior da sociedade. Neste caso, os *tokusatus* são pressupostos para se trabalhar sob o viés da história cultural as diversas manifestações sociais, especialmente aquelas que condizem à memória, à sensibilidade e ao imaginário. Privilegia-se não o tecnológico, mas o orgânico e o abstrato.

Abre-se uma alternativa para os estudos culturais que não somente transitam pelas belas artes, mas que possuem um forte apelo popular e que atingem uma quantidade de pessoas em número muito maior do que os suportes mais tradicionais vinculados ao universo das imagens. Não somente a imagem literal, mas também a imagem mental: consumida através do olhar, resignificada pela sensibilidade introspectiva e nostálgica e narrada através dos depoimentos e suportes disponibilizados pela rede mundial de computadores, caracterizando a cibercultura – um possível objeto de estudo da história cultural. A explicação para o processo que torna o grotesco em belo, o tosco em perfeito e, enfim, o banal em afetivo pode não estar calcado nas análises semióticas aplicadas exclusivamente aos objetos visuais, mas sim presente nas manifestações concernentes a suas práticas sociais e, conseqüentemente, nas performances manifestadas pela memória, que no conjunto de suas individualidades representa o coletivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia:

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.

JOST, François. **Compreender a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 23, n. 45, 2003, p. 11-36.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ROSENSTONE, Robert. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística**. 3.^a ed. Barcelona: Paidós Comunicación, 1997.

Vídeos:

FLASHMAN. **Abertura dos Flashman – Alta qualidade**. 2007. 1 post (1min. 30s.). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OOaoDOr-fek>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

JASPION. **Tema de abertura (completo)**. 2009. 1 post (3min. 5s.). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=sYSL4-3TKkM>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

SPECTREMAN. **Abertura brasileira (som em inglês)**. 2008. 1 post (1min. 12s.). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=xSjHRdAD4jw>>. Acesso em: 14 jun. 2012.